

PERGUNTAS DE UM TRABALHADOR QUE LÊ

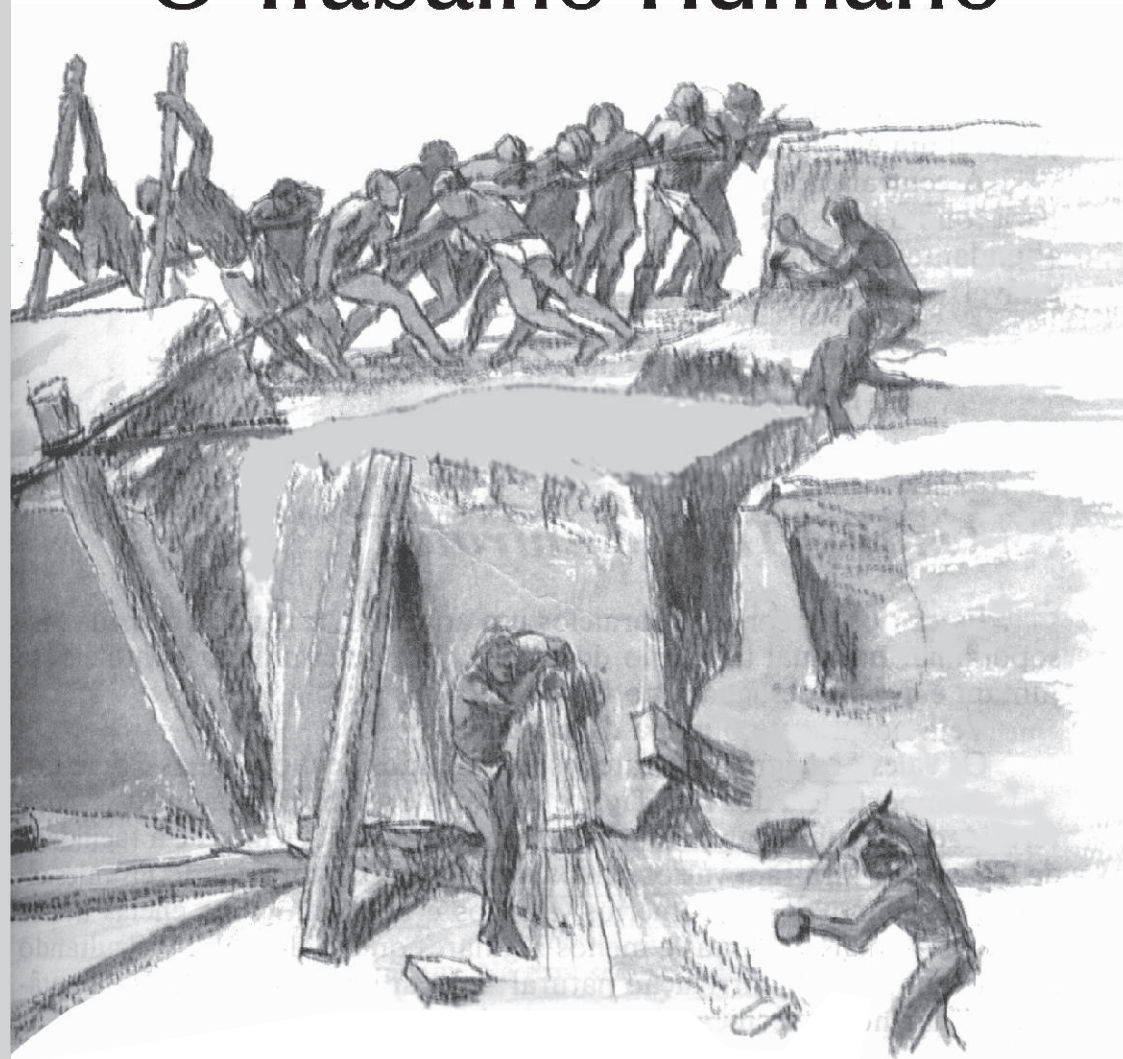
Quem construiu a Tebas de sete portas?
Nos livros estão nomes de reis.
Arrastaram eles os blocos de pedras?
E a Babilônia várias vezes destruída
quem a reconstruiu tantas vezes? Em que casas
da Lima dourada moravam os construtores?
Para onde foram os pedreiros, na noite em que
a muralha da China ficou pronta?
A grande Roma está cheia de arcos do triunfo.
Quem os ergueu? Sobre quem
triunfaram os Césares? A decantada Bizâncio
tinha somente palácios para seus habitantes? Mesmo
na lendária Atlântida.
Os que se afogavam gritaram por seus escravos
na noite em que o mar a tragou.
O jovem Alexandre conquistou a Índia.
Sozinho?
César bateu os gauleses.
Não levava sequer um cozinheiro?
Filipe da Espanha chorou, quando sua Armada
nafragou. Ninguém mais chorou?
Frederico II venceu a Guerra dos sete Anos.
Quem venceu além dele?

Cada página uma vitória.
Quem cozinhava o banquete?
A cada dez anos um grande homem.
Quem pagava a conta?

Tantas histórias.
Tantas questões.

Bertolt Brecht
Poemas, 1913-1956

O Trabalho Humano



Das Sociedades Comuns ao modo de Produção Feudal

Escola de Formação Básica
Multiplicadora da Economia Popular Solidária

2ª edição

O trabalho humano



Das Sociedades Comuns ao modo de Produção Feudal

Escola de Formação Básica
Multiplicadora da Economia Popular Solidária

2ª edição



*“O mundo de carências das populações periféricas,
revela a violência do sistema que as cria.
No fundo, geradas nas carências impostas
e apresentadas como algo natural,
para estas populações a vida, quase sempre,
é o que há a partir do que sobra.
De vez em quando, porém,
o sonho ultrapassa os limites do que sobra.
Os corpos cansam, mas no coração e nas noites
as pessoas praticam, a seu modo,
os sonhos de uma existência em que a vida
não seja apenas o que há a partir do que sobra.”*

Paulo Freire, 1921-1997

*"A história humana não
se desenrola apenas nos campos de batalhas
e nos gabinetes presidenciais.*

*Ela se desenrola também nos quintais,
entre plantas e galinhas,
nas ruas de subúrbios, nas casas de jogos,
nos prostíbulos, nos colégios,
nas usinas, nos namoros de esquinas..."*

(Ferreira Gullar)



Sumário

APRESENTAÇÃO	5
PARA INÍCIO DE CONVERSA	6
Os diferentes modos de produção	7
AS SOCIEDADES COMUNAIS	9
Período Paleolítico	11
Período Neolítico ou a Nova Idade da Pedra	12
A Idade dos Metais	17
MODO DE PRODUÇÃO TRIBUTÁRIO	20
Idade Antiga ou Antigüidade	21
Sociedade Mesopotâmica	21
Sociedade Fenícia	22
Sociedade Hebraica	23
Sociedade Egípcia	24
Sociedade Chinesa	25
A América Pré-Colombiana	27
Brasil	35
SOCIEDADES ESCRAVAGISTAS	40
Sociedade Grega	40
Sociedade Romana	42
Os Povos Bárbaros	43



MODO DE PRODUÇÃO FEUDAL	45
Alta Idade Média	47
Baixa Idade Média	50
Final da Idade Média	53
QUESTÕES PARA REFLEXÃO	58
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	59



Apresentação

Este segundo caderno da série "História Social do Trabalho" é dirigido prioritariamente, porém não exclusivamente, a todos e todas que buscam, junto com o povo oprimido, saídas dignas e solidárias para a produção material e espiritual de suas vidas.

"O primeiro pressuposto de toda história humana é, naturalmente, a existência de indivíduos humanos vivos. O primeiro ato histórico destes indivíduos, pelo qual se distinguem dos animais, não é o fato de pensar, mas o de produzir seus meios de vida" (MARX, 1986, p. 22).

Pois bem, o sistema capitalista reduziu a atividade vital humana, ou seja, o trabalho em emprego, e, no contexto atual, tirou da grande maioria da humanidade até mesmo esta forma reduzida e exploradora através da qual homens e mulheres produziam suas vidas.

Reconstruir, reinventar, criar formas alternativas de trabalho para esta imensa maioria excluída e fazê-lo de um jeito que coloque em cheque a forma capitalista destruidora dos homens e da natureza, é um desafio a ser enfrentado urgentemente.

Experimentar formas solidárias de trabalho não exclui a luta contra o sistema, ao contrário, ajuda a construir as bases sobre as quais se funde uma nova forma de sociabilidade humana, um jeito de ver e fazer a luta social, que integre trabalho autogestionário e educação popular na perspectiva da formação de homens e mulheres integrais, multidimensionais.

Este caderno, que resgata a história humana construída pelo trabalho, enquanto atividade vital, das sociedades comunais às sociedades medievais, quer ser uma contribuição a todos e todas – militantes sociais, educadores populares, lideranças comunitárias, etc. – que ainda teimam em acreditar que um outro mundo é possível.



Para início de conversa

“Não há transição que não implique um ponto de partida, um processo e um ponto de chegada. Todo amanhã se cria num ontem, através de um hoje. De modo que o nosso futuro baseia-se no passado e se corporifica no presente. Temos de saber o que fomos e o que somos, para saber o que seremos”.

(Paulo Freire)

É muito comum, hoje em dia, escutar as seguintes frases: “*O trabalho dignifica o homem*”; “*Quem não trabalha é vagabundo*”, etc. Mas não foi sempre assim.

“**Trabalho**” vem de *tripalium* (latim), que era um instrumento de tortura usado pelos romanos, para obrigar os escravos a trabalhar. A idéia de sofrimento deu lugar ao termo “esforçar-se”, “lutar”, para chegar, enfim, à palavra “trabalhar”.

Inclusive, em muitas línguas derivadas do latim, costuma-se ainda dizer “*trabalho de parto*”, recuperando a maldição divina contra Eva. Aliás, não só contra ela. Em Gn (3:16), disse Deus a Adão: “*Maldito é o solo por causa de ti! Com sofrimento dele te nutrirás todos os dias de tua vida (...). Com o suor de teu rosto comerás teu pão, até que retornes ao solo, pois dele foste tirado*” (CHAUÍ. In: LAFARGUE, p. 12).

Só hoje, após a revolução industrial, o trabalho se tornou



“dignificante”, com a ideologia colocando o trabalho acima de tudo (trabalho com o objetivo de aquisição; e aquisição sendo encarada como a grande finalidade da vida).

Mas até chegar a este conceito, o trabalho passou por muitas etapas.

Para sabermos como tudo começou, vamos partir lá do início, estudando a sociedade primitiva (e não pré-história, como aprendemos na escola, pois “*se a História é a história do Homem, a História existe desde o momento que o homem existe*”. BARBOSA; MANGABEIRA, p. 35), até o fim da sociedade feudal, quando surge o modo de produção capitalista, vigente até os nossos dias.

Os diferentes modos de produção

Até chegar ao modo que conhecemos hoje, de trabalho – o capitalista - que muitos dizem que é o “*correto*”; que “*sempre foi assim*” – e que veremos, em uma próxima etapa, que tem uma história bem recente, o trabalho passou por várias etapas:

- a) nas sociedades **tribais**, ele era exercido de **forma coletiva e solidária**;
- b) começou a mudar no período do modo de **produção tributária**;
- c) após, assumiu a forma de **escravidão**;
- d) passando para **servidão**;



e) e depois, **trabalho assalariado (modo capitalista de produção)**.

Na primeira etapa, as sociedades eram **comunais**, onde a sobrevivência de todos dependia do trabalho coletivo, e não existiam relações de dominação. Exemplo destas sociedades são aquelas do período Paleolítico até a Idade dos Metais; e a dos primeiros habitantes do Brasil, antes da invasão dos europeus.

O **modo de produção tributária**, ou **modo de produção asiático**, foi um conceito de Marx, ao estudar a maneira de organização de sociedades como as da China e Índia. Este conceito ajuda a entender a transição de uma sociedade sem classe (comunal, primitiva) para outra constituída de classes, onde já existe a exploração do homem pelo homem, sem contudo existir a propriedade privada (apesar da organização comunitária continuar existindo, uma minoria se beneficia da exploração do trabalho coletivo).

Este tipo de produção não aconteceu só na Índia e China, mas também em outros lugares distantes, como por exemplo na Mesopotâmia, Egito e América Pré-Colombiana.

Na Antigüidade Clássica, podemos encontrar o **modo de produção escravista**, como na Grécia e em Roma.

O **modo de produção feudal** era característico da Idade Média, baseado na **servidão** (forma de exploração do camponês).

Ao final da Idade Média surgiu o **modo de produção capitalista**, com a expansão do comércio e dos grandes descobrimentos – época da chegada dos europeus à América; e mais tarde, o



surgimento das indústrias e das fábricas.

Queremos esclarecer também que estes são apenas exemplos. Cada tipo de produção é encontrado em diversos períodos da história da humanidade. Por exemplo: enquanto, no final da Idade Média, na Europa, as sociedades viviam o início do modo de produção capitalista, os povos Incas, na América, tinham o modo de produção tributária, e os habitantes do Brasil viviam no modo de produção comunal.

No decorrer da cartilha, ficará mais fácil entender estes conceitos.

As sociedades comunais

Há mais ou menos um milhão de anos, surgiram os primeiros seres humanos. Os vestígios mais antigos foram encontrados no continente africano (*Australopithecus* e *Homo habilis*); o *Pithecanthropus* aparece no continente africano e também no asiático; e o *Homo sapiens neandertalensis* (ou homem de Neandertal) e o *Homo sapiens sapiens* (ou homem moderno) aparecem na África, Ásia e Europa. O que mostra a expansão dos diferentes hominídeos (ancestrais dos homens) da África para a Ásia, e depois a Europa.

E como surgiram os primeiros habitantes da América?

Existe uma teoria que explica que, há cerca de 50.000 anos, o nível do mar baixou muito por causa de um grande congelamento na



região dos pólos. Conforme aconteciam as mudanças de clima, uma ligação terrestre entre a Ásia e a América aparecia e desaparecia, propiciando assim a passagem das pessoas. Depois de muito tempo, o nível do mar se elevou definitivamente, terminando assim a conexão entre os dois continentes.

Nossos ancestrais não eram muito semelhantes aos seres humanos atuais: andavam agachados, como os macacos, e eram mais peludos. Algumas das diferenças entre eles e os animais é que eles começaram a fazer objetos para facilitar sua vida; e também começaram a se comunicar uns com os outros, através de conversas.

O homem sempre se distinguiu pelo uso de objetos como ferramentas para a transformação da matéria-prima. Por sua própria natureza, ele parece feito para criar. Exemplo disto é sua mão, que é uma ferramenta, com o polegar disposto com relação aos outros dedos para apreender e agir. (IGLÉSIAS).

*“Podemos distinguir os homens dos animais pela consciência, pela religião, por tudo o que se quiser. Mas eles começam a distinguir-se dos animais assim que começam a **produzir** os seus meios de vida” (MARX e ENGELS, p. 27).*

Os arqueólogos dividiram a história antiga em três momentos diferentes, nos quais o ser humano foi desenvolvendo várias técnicas que o ajudaram a dominar a natureza.

Estes três momentos são:

a) Período Paleolítico, ou Idade da Pedra Lascada ou Idade da Pedra Antiga (1 milhão de anos atrás até 10.000



anos a.C.);

b) Período Neolítico, ou a Nova Idade da Pedra, ou Idade da Pedra Polida (de 10.000 a 4.000 anos a.C.);

c) Idade do Metal (de 4.000 a.C. a 3.500 a.C.).

Período Paleolítico (1 milhão de anos atrás até 10.000 anos a.C.)

Os primeiros seres humanos andavam nus e sua principal preocupação era encontrar, todos os dias, alguma coisa para comer.

Suas atividades eram a caça, a pesca, a coleta e a defesa contra os animais enormes que habitavam a Terra.

O domínio do **fogo** e da **pedra** foi fundamental para garantir seu domínio sobre a natureza.



Silvio Paolucci, in STORIA, 1

O fogo, a princípio, era utilizado quando era produzido pela queda dos raios, pelos vulcões e incêndios nas florestas. Muito tempo depois, o homem descobriu que criando um atrito entre pedaços de madeira, ou pedras, conseguia produzir o fogo. A partir deste momento, ele passou a exercer domínio sobre a natureza, tornando-se um criador.

A técnica para produzir o fogo não foi aprendida ao mesmo tem-



po: alguns grupos o usavam no momento em que ele surgia (não sabiam nem mesmo mantê-lo); outros controlavam o fogo surgido de forma natural, e finalmente havia aqueles que aprenderam a criá-lo.

Após um longo período em que o gelo cobriu a Terra e o homem se refugiou em cavernas, ele começou a se fixar nas planícies, onde haviam muitas manadas de renas (úteis tanto para sua alimentação quanto pela sua pele, com a qual se protegiam do frio). Nessa época começaram a lascar pedras para fazer agulhas, facas, anzóis e flechas, além de fazer os primeiros desenhos nas cavernas representando os animais que eles caçavam.

Até esse período, ele era nômade, quer dizer, não vivia em nenhum lugar fixo; não sabia plantar, só coletava e caçava onde houvesse mais frutos e animais para caçar.

Período Neolítico ou a Nova Idade da Pedra (de 10.000 a 4.000 anos a.C.)

Essa foi a época em que o homem aprendeu a plantar e a colher, abandonando a vida nômade e se tornando sedentário (ele se fixava num certo lugar para colher o fruto daquilo que plantou).

Os historiadores destacam como importante, nesse período de fixação do homem em terras férteis, a transição das fases de suas atividades: de caçador/coletor paleolítico para agricultor neolítico. Assim, a terra aparece como elemento de fixação do homem a um



local. A partir daí desenvolveram instrumentos, e, mais que tudo, esse fato se constituiu como base do viver em sociedade, pois passou a viver em grupos, surgindo assim as primeiras tribos.

Todas as decisões eram tomadas em conjunto, de maneira democrática. Havia uma espécie de interdependência social, pois cada elemento do grupo se sentia responsável pelo outro. Podia-se perceber, nessa época, a prática dos princípios do cooperativismo, pois eles lutavam solidariamente pela sobrevivência do grupo.

E nesta luta pela sobrevivência, o trabalho era dividido entre as pessoas de acordo com aspectos de gênero e idade, principalmente.

Segundo alguns autores, as mulheres passaram a não se deslocar com frequência, preferindo permanecer num determinado local, devido, principalmente, à maternidade e à assistência aos filhos. Argumentam que, nesse momento, emergiu a divisão sexual do trabalho, uma vez que as atividades de plantio para a subsistência do grupo ficaram sob a responsabilidade das mulheres, e a caça tornou-se atividade predominantemente masculina.

Importante observar que essa divisão de tarefas não causava desigualdades sociais entre os membros da tribo. Todos trabalhavam e todos tinham acesso ao fruto de seu trabalho. E a cooperação entre todos era essencial para garantir as condições necessárias à vida em comunidade.

Cabiam às mulheres as tarefas de cuidar da casa, dos filhos, de preparar a comida, de fabricar objetos de cerâmica e do plantio (esta



divisão parece ter sido organizada desta maneira porque as mulheres não podiam deixar as crianças sozinhas por muito tempo; precisavam amamentá-las; e mesmo porque as crianças pequenas, com seu choro e brincadeiras, acabariam espantando a possível caça dos homens). Como ficavam mais tempo nos abrigos, começaram a observar que, nos locais onde haviam caído sementes, nasciam plantas que produziam frutos, iguais aos das matas. Chegaram à conclusão que podiam cultivar, e assim, **nasceu a agricultura!** Elas “domesticaram” as plantas, provocando uma verdadeira revolução! Porque, a partir do momento em que começavam a plantar e a criar animais, os grupos iam se tornando produtores de alimentos.

E como surgiu a criação de animais?

Alguns caçadores levavam para seus acampamentos, filhotes dos animais que caçavam, para as crianças cuidarem. Assim, vários animais começaram a ser domesticados. Os primeiros animais que viveram perto do homem foram os cães de caça. Mais tarde vieram porcos, ovelhas, bovinos, aves.

Desta maneira, o homem percebeu que não precisava sair todos os dias para caçar, pois seu alimento estava ali, à sua disposição. E assim, foi descoberta a **pecuária!**

O surgimento da agricultura e da pecuária significaram uma grande transformação na relação dos homens com a natureza e também entre si.

A agricultura e a criação de animais se difundiram a partir de diversos “focos” nitidamente separados no espaço e no tempo. Os principais foram:



- a) no **Oriente Médio** (como Mesopotâmia e Egito), a partir do 8º milênio a.C.: cevada, trigo, linho, criações (carneiros, cabras, etc.);
- b) na **Mesoamérica** (como México e Peru), a partir do 6º milênio a.C.: feijão, milho, pimenta, mandioca, fumo, algodão, batata;
- c) na **Europa Central**: a partir do 5º século a.C.: trigo, cevada, criação de galinhas, vacas, ovelhas;
- d) no **Extremo Oriente**: (como China), a partir do 4º milênio a.C.: arroz, cevada, linho, criação de ovelhas, porcos, etc.;
- e) na **África Oriental**: a partir do 4º milênio a.C.: linho, criação de cabras, bovinos, etc. (AZEVEDO e DARÓS, p. 25).

A descoberta da agricultura **revolucionou** profundamente a maneira de viver das comunidades:

- a) fez com que o homem se tornasse sedentário, ao invés de nômade, permanecendo no lugar onde plantava e criava;
- b) conseqüentemente criou a moradia fixa, onde começou a instalar móveis rudimentares (para se alimentar, para dormir e para guardar os alimentos);
- c) possibilitou a troca de experiências e um sistema de cooperação entre as comunidades vizinhas;
- d) o transporte e a necessidade de guardar a colheita fez



com que desenvolvesse a fabricação de cestas, peneiras, potes, balaios, bem como meios de transporte (carros de bois e barcos à vela);

e) com a maior facilidade de conseguir alimento, ele teve mais tempo livre para criar cerâmica, tecer roupas, melhorar suas habitações, aperfeiçoar artesanato, pintar, desenhar, viajar, etc.¹



F. Nathan, in "Atlas Ilustré de l'Antiquité"

Nascimento de uma aldeia (Europa Central).

¹ A redução da jornada diária (ou do tempo semanal do trabalho) tem sido uma das mais importantes reivindicações do mundo do trabalho, “*condição preliminar*”, segundo Marx, para uma vida emancipada: “*A condição fundamental desse desenvolvimento humano é a redução da jornada de trabalho.*” (MARX. In: ANTUNES, p. 174).

Esta idéia é também defendida por outros autores:

“*Se o trabalho torna-se dotado de sentido, será também (e decisivamente) por meio da arte, da poesia, da pintura, da literatura, da música, do tempo livre, do ócio, que o ser social poderá humanizar-se e emancipar-se em seu sentido mais profundo*” (ANTUNES, p. 17).



A Idade dos Metais (de 4.000 a.C. a 3.500 a.C.)²

O desenvolvimento da produção agrícola, que aconteceu no final do período Neolítico, continuou no período seguinte. O que ajudou bastante foi a invenção do arado de madeira e da foice polida.

Partindo das descobertas feitas no período Neolítico, o homem inventou, provavelmente sem querer, como derreter alguns metais. Com isso, sua vida mudou mais uma vez, pois os objetos e ferramentas que antes ele fazia com pedras e ossos, passaram a ser feitos de metal. O primeiro metal foi o cobre; em seguida, através da mistura do cobre com o estanho, conseguiu-se o bronze (que é mais duro que o cobre). Após, o ouro. O ferro só foi usado depois de 1.500 a.C. e, a partir daí, as ferramentas cresceram em número e em qualidade.

“A proposta da redução de trabalho procura enfrentar dois grandes desafios: primeiro, redistribuir entre todos o trabalho socialmente necessário, de modo que todos possam trabalhar menos, melhor e de outra maneira (...). Segundo, começa a visualizar o tempo liberado ou o tempo livre, não mais como um tempo vazio, sem sentido, ou simplesmente na perspectiva de recuperar as forças e as energias para o trabalho assalariado, mas como um tempo rico em novas possibilidades desvinculadas da lógica da racionalidade econômica e da mercantilização (...). O tempo livre é o tempo de produção de sociedade, de relações sociais e tempo para o livre desenvolvimento pessoal” (LANGER. In: CADERNOS IHU, p. 50).

Paul Lafargue, em sua obra *“O direito à preguiça”*, exemplifica que até Cristo, em seu Sermão da Montanha, *“pregou a preguiça”*. *“Olhem os lírios crescendo nos campos, eles não trabalham nem tecem e, no entanto, digo: Salomão, em toda sua glória, nunca esteve tão brilhantemente vestido.”* E finaliza o texto, dizendo: *“Todas as misérias individuais e sociais nasceram da paixão pelo trabalho”* (LAFARGUE, p. 66 e 67).

² Em 3.500 a.C. ocorreu a invenção da escrita. Por isso, alguns autores denominam de Pré-História o período que se estende até a invenção da escrita.



A **história do trabalho** teve sua origem na busca humana de formas de satisfazer suas necessidades biológicas de sobrevivência. À medida que essas necessidades foram sendo satisfeitas, outras foram surgindo, fazendo com que nascessem novas relações que determinaram a condição histórica do trabalho.

Com o passar do tempo, a produção, antes limitada à sobrevivência, começou a ser maior que o necessário, gerando **excesso** de produção. Quando isto acontecia, o excedente era estocado para ser usado, por exemplo, em uma catástrofe natural, ou então em festas coletivas. *“Essa enorme produção, obtida sem gerar a exploração de ninguém, foi adquirida por um trabalho mínimo: 3 a 4 horas por dia, no período de máxima intensidade; 15 dias de trabalho por ano, em média. Em um sistema ecologicamente equilibrado, a natureza dava generosamente seus frutos, e a técnica, adaptada às necessidades, era muito desenvolvida”* (GUILLERM e BOURDET, p. 99).

Infelizmente, esse excedente acabou fazendo com que fosse despertada em alguns indivíduos, a possibilidade da detenção do poder. A produção começou a ser disputada. Além disso, a terra, que era de todos, foi sendo repartida, tornando-se **propriedade privada**, terminando assim a igualdade entre eles, uma vez que apenas uma minoria foi beneficiada.

A desigualdade começa quando se estabelece a divisão entre as famílias proprietárias e as não-proprietárias. Assim, surgem as **classes sociais**; e também *“(...) a luta de classes, na medida em que a classe proprietária procura aumentar suas posses, impedindo que*



os demais se tornem proprietários; e na medida em que os não-proprietários querem se tornar proprietários, ameaçando as propriedades dos primeiros” (Frei BETTO, p. 14).

A divisão do trabalho, que no início era feita principalmente por sexo, passou a ser feita também por profissões: vários tipos de artesãos, agricultores, comerciantes. Com as novas técnicas, e nos lugares férteis, a produção era maior do que a necessidade local, aumentando então as disputas sobre quem ficaria com o excedente. Os vencedores começaram a controlar os recursos, transformando-se em ricos e poderosos governantes que dominavam os pobres. *“Quando, no trabalho, os homens começam a produzir mais que o necessário para sobreviver, a existência de escravos passa a ter sentido, porque eles produzem o seu sustento e o excedente, o qual vai parar nas mãos dos seus donos.”* (“A história do homem”, p. 7).

E aí começava o trabalho individual, a propriedade privada, e a exploração do trabalho de outros, gerando assim o **escravismo**.

No final da Idade dos Metais, muitas aldeias se transformaram em cidades, com divisão do trabalho, comércio e artesanato especializados, representando uma nova revolução: a **revolução urbana**.



Bibl. de Hist. Universal Life, “O Antigo Egito”



Modo de produção tributário (ou modo de produção asiático)

“ Assim José comprou toda a terra do Egito para Faraó; porque os egípcios venderam cada um o seu campo, porquanto a fome lhes era grave em extremo; e a terra ficou sendo de Faraó.

Quanto ao povo, José fê-lo passar às cidades, desde uma até a outra extremidade dos confins do Egito. Somente a terra dos sacerdotes não a comprou, porquanto os sacerdotes tinham rações de Faraó, e eles comiam as suas rações que Faraó lhes havia dado; por isso não venderam a sua terra.

Então disse José ao povo: Hoje vos tenho comprado a vós e a vossa terra para Faraó; eis aí tendes semente para vós, para que semeéis a terra.

Há de ser, porém, que no tempo as colheitas dareis a quinta parte a Faraó, e quatro partes serão vossas, para semente do campo, e para o vosso mantimento e dos que estão nas vossas casas, e para o mantimento de vossos filhinhos.

Responderam eles: Tu nos tens conservado a vida! Achemos graça aos olhos de meu senhor, e seremos servos de Faraó. José, pois, estabeleceu isto por estatuto quanto ao solo do Egito, até o dia de hoje, que a Faraó coubesse o quinto a produção; somente a terra dos sacerdotes não ficou sendo de Faraó.”

(Gênesis 47: 20-26)

Este é um texto que resume o modo de produção tributário, com o início da exploração do homem pelo homem, como veremos a seguir.



Idade Antiga ou Antigüidade

Oficialmente, começa desde a invenção da escrita (3.500 a.C.) até o fim do Império Romano do Ocidente (476 d.C.).

Citaremos aqui algumas das mais importantes sociedades daquela época.

Sociedade Mesopotâmica

Mesopotâmia (nome dado pelos gregos) é uma palavra que significa “*entre rios*” (Tigre e Eufrates) e abrange o atual Iraque, parte da Turquia, Síria e Irã.

Aquela região foi invadida por vários povos estrangeiros. Entretanto, sua localização (altamente estratégica, por ligar o litoral do Mediterrâneo ao Planalto Iraniano) fez com que ela se tornasse um grande centro comercial, para onde se dirigiam muitas rotas de caravanas.

A sociedade era dividida em 3 camadas: aristocracia dominante (nobreza), cidadãos livres e os escravos.

Quem sustentava a sociedade era a “classe média”: lavradores, criadores de gado, comerciantes, médicos, artesãos, carpinteiros, ferreiros e pescadores.

As duas ocupações vitais eram a do agricultor, que fornecia a



alimentação básica para o rei, o cidadão livre e o escravo; e o negociante, que percorria toda a região, trocando e vendendo produtos excedentes na cidade por artigos que estivessem em falta no local (AZEVEDO e DARÓS, p. 36).

Quanto aos escravos, atuavam nos transportes pesados e nas construções de templos e palácios. Pertenciam à nobreza e geralmente eram prisioneiros de guerra ou cidadãos comuns, forçados por dívidas ou pela fome (alguns vendiam seus filhos ou a si próprios por períodos determinados, até estarem pagas suas dívidas).

Sociedade Fenícia

Desenvolveu-se onde hoje é o Líbano, pequeno país do Oriente Próximo, e que fica entre a Síria, Israel, Arábia e o Mar Mediterrâneo.

No início do seu desenvolvimento, sua atividade principal era a agricultura (cereais, videira e oliveira, matéria-prima para produzir farinhas, vinho e azeite).

Mais tarde, dedicaram-se à fabricação de embarcações, com as quais expandiram as relações comerciais com outros países e fundaram várias colônias.

Muitos se dedicavam à produção artesanal de jóias, objetos de vidro, armas, tecidos, madeira.

Os fenícios se tornaram famosos pela sua intensa atividade co-



mercial (principalmente no Mar Mediterrâneo) e pela invenção do alfabeto, que mais tarde foi modificado pelos gregos e romanos, dando origem ao alfabeto utilizado atualmente no Mundo Ocidental.

Sociedade Hebraica

A região ocupada pelos hebreus (“*seres em movimento; homens em marcha; atravessadores de fronteiras*”) era bastante reduzida. Entretanto, ela representava um lugar de passagem da África para a Ásia e desta para a Grécia. Por causa desta localização, e por ser cercada de grandes potências como o Egito, essa região sempre foi alvo de disputas territoriais, o que afetou bastante a vida dos hebreus.

Viviam cercados por desertos e montanhas. Tinham que criar seus campos, para depois trabalhar sobre eles arando, semeando e colhendo frutos. Apesar das dificuldades, eles trabalhavam com grande empenho. Eles se consideravam arrendatários das terras que, por direito, pertenciam a Deus. A perda da terra constituía para o hebreu antigo – além do fim da principal fonte de subsistência – a quebra do elo que o ligava diretamente com Deus.

Os homens passavam o dia no campo e nas atividades artesanais. As mulheres trabalhavam no recinto do lar, nas tarefas domésticas.

O monoteísmo (crença em um único Deus) foi uma importante criação dos hebreus, que influenciou muitas religiões atuais.



Sociedade Egípcia

Esta civilização começou às margens do rio Nilo (África).



José Jobson Arruda, in "História Integrada"

Os camponeses colhiam o trigo com suas foices e amontoavam os feixes nos barcos, transportando-os através do rio Nilo para todo o Egito. Cultivavam também outros cereais, como milho e a cevada, além de frutas e legumes.

O Egito era um país essencialmente agrícola. Os camponeses eram a maioria da população e raramente eram donos de suas terras, pois trabalhavam nas terras dos nobres ou do Faraó (rei).

Suas atividades dependiam do calendário do rio Nilo. Por exemplo: espalhar o limo, arar, semear, irrigar, no outono; após a cheia, na primavera, colher e separar os grãos de palha, armazenar, consertar os canais; no inverno, construção de monumentos ou conservação de canais públicos.



Usavam como instrumento o arado de madeira puxado por bois. Para enterrar sementes, contavam com a ajuda de porcos e ovelhas, que pisoteavam o solo.

Havia os artesãos, ceramistas, tecelões, que produziam roupas, instrumentos agrícolas, tijolos, etc.

O trabalhador egípcio sabia reagir à exploração do seu trabalho! Revoltas de trabalhadores forçados, no Egito, eram muito frequentes.

Sociedade Chinesa

Nos vales férteis, perto de rios, os chineses desenvolveram sua agricultura e criação de animais.

Esta civilização nunca foi destruída, desenvolveu-se sem interrupção até os dias de hoje.

O camponês era a espinha dorsal da economia chinesa. Ele aumentava a quantidade de alimentos e também lutava nas guerras. E enriqueciam o Estado e os proprietários rurais por meio de cobrança de taxas e impostos. O Estado ficava com grande parte das colheitas (trigo, cevada e arroz).

Os artesãos faziam móveis, cerâmica e outros objetos. Moravam em cidades e juntamente com os comerciantes, que compravam e vendiam os produtos, formavam a plebe.

A sociedade era estática, isto é, se o pai fosse agricultor, seu filho



também seria; se o pai fosse um funcionário do governo, o filho e os netos também seriam.

As ciências criadas pelos chineses foram as mais avançadas de toda a Antigüidade. Atualmente, por exemplo, o Ocidente está "descobrendo" a medicina tradicional chinesa, a acupuntura e a utilização de ervas medicinais.

Inventaram a imprensa para publicar livros, o papel, a tinta, a bússola; descobriram a pólvora; e se especializaram na fabricação de tecidos de seda e da porcelana.



A América Pré-Colombiana³

*“Morro a morte
mais longa:
a espantosa morte de um
continente.
Morro há séculos
no corpo dos povos
exterminados.”*

(**Pedro TIERRA**. “O canto dos Mortos”)

*“Eu vi quando aqui chegaram
homens vindos do além-mar
na busca de mais riqueza
começaram a escravizar
e destruir as famílias
dos nativos do lugar.
Assisti quando Cabral
em caravelas chegou
aprisionando os índios.
Também as índias estuprou,
iniciando a opressão
que nunca mais terminou.
Em nome de um tal rei,
houve isso no passado.
Mas hoje, em nome da lei,
de um regime defasado,
a maioria do povo
é pobre e discriminado.”*

(**Francisco Gama CORREA**, poeta popular)

³ Época da história da América antes da “descoberta de Colombo”, ou seja, antes da chegada dos espanhóis.



Aprendemos na escola, sob o ponto de vista do dominador, que os habitantes das Américas eram “selvagens” e que foram os europeus que fizeram com que se tornassem “úteis” e “civilizados”. E assim, acabamos nos desinteressando da história do nosso continente; como se tudo tivesse começado a partir da chegada do dominador.

É o chamado “eurocentrismo”, prática antiga, com a qual, felizmente, vários autores famosos atuais não concordam. Dussel (escritor e filósofo latino-americano), por exemplo, acusa Hegel (famoso filósofo alemão do século XIX) de escrever que a Europa é o centro e o fim da história universal, ignorando a América Latina, África e Ásia, justificando sempre a violência colonialista europeia (DUSSEL, p. 83).

Precisamos lembrar que os povos das Américas construíram sua história durante 25 mil anos antes que os europeus – ditos **civilizados** - chegassem saqueando e dominando, e levando para a Europa nossas riquezas. Eles não descobriram as terras americanas, porque não se descobre o que já existe, e sim, inauguraram um novo período na história do mundo, marcado pela violência e dominação. “*Além dos mares nunca d’antes navegados pelos povos europeus, havia outros mares que já estavam sendo navegados por povos nunca d’antes imaginados pelos europeus.*” (Cartilha da Consulta Popular)

O que podemos entender, afinal, como **civilização**?

Na escola, aprendemos que o significado da palavra “civilização” é: “*sociedades ou povos que alcançaram um grande desenvolvimento suficientemente elevado para viver em cidades*”. Porém, esta definição deixa no ar a seguinte pergunta: o que seria considerado um “*grau elevado de desenvolvimento*”?



Reproduzimos aqui um texto, para nossa reflexão: *“Civilização’ é como chamavam a destruição da nossa sociedade e da nossa cultura: a gozação por nossa língua; o rechaço por nossas roupas; o asco por nossa cor morena que nada mais é a não ser a cor da terra.”* (Discurso do Exército Zapatista de Libertação Nacional – EZLN, proferido em 26/02/01, no México).

Mostramos abaixo, duas descrições: uma de Pedro Cieza de Leon, cronista espanhol do século XVI, sobre o centro geográfico político e administrativo do império Inca, a cidade de Cuzco; e outra, de Elisa Belén Melendéz, historiadora da literatura espanhola, sobre as cidades europeias em finais do século XV e início do século XVI.

A primeira:

“Lá existiam grandes ruas, exceto que eram estreitas e as casas feitas todas de pedra (...). As outras casas eram todas de madeira (...). Em muitas partes desta cidade existiam esplêndidas construções dos nobres incas, onde o herdeiro do trono fazia suas festividades (...).

Como esta era a principal e mais importante cidade deste reino, em certas épocas do ano, os índios das províncias vinham até ela, alguns para construir edifícios, outros para limpar as ruas e distritos e qualquer coisa que lhes fosse ordenado (...). E como esta cidade estava cheia de pessoas estranhas e estrangeiros (...) cada grupo se estabelecia em um local e distrito determinado pelos governantes das cidades. Observava os costumes de seu próprio povo e vestiam-se de acordo com a moda de sua própria terra, de



modo que, em meio a centenas de milhares de homens, cada grupo podia ser facilmente reconhecido pelas insígnias que usava sobre a cabeça.”

E agora, a descrição de exemplos de cidades “civilizadas”:

“Na região de Leon, Castela e Mancha, assim como na maioria das cidades européias da época, as quais haviam crescido em torno da praça do mercado (...) igrejas e capelas de irmandades diferentes disputavam as benesses da burguesia, agora enriquecida (...). Esmoleiros, mendigos – gente estropiada de toda a sorte – perambulavam pelas ruas estreitas e fétidas, buscando aqueles que, em nome da caridade cristã, julgavam aliviar suas pendências com Deus, oferecendo-lhes nacos de pão e moedas sem valor (...). Artesãos trabalhavam ruidosamente em pequenas casas e quintais, enquanto manadas de porcos se ocupavam da limpeza pública.”

Após estas reflexões, podemos seguir em frente.

Quando as hordas de caçadores e coletores habitaram a América, a neve e o gelo cobriam quase tudo, menos os vales, onde cresciam raízes e plantas, utilizadas como alimento.

Sua história foi construída por vários grupos, com suas culturas diversas (a população não era homogênea). Calcula-se que, em 1492, havia entre 2000 a 2200 línguas faladas na América.

Esse território era povoado por animais, como o mamute, o bizonte e outros que não existem mais.



Aos poucos, os grupos foram se expandindo por todo o continente americano.

Algumas comunidades começaram a domesticar animais e a plantar, tornando-se sedentárias, deixando o nomadismo somente para ocasiões especiais (como a guerra, por exemplo).

As atividades eram variadas: no litoral, a atividade econômica principal era a coleta de mariscos; os que viviam nos pólos se especializaram na caça.

Na **sociedade asteca** (México e América Central), por exemplo, havia uma divisão nítida entre o campo, produtor de alimentos, e a cidade, onde estavam centralizados os mecanismos de controle econômico, político e ideológico.

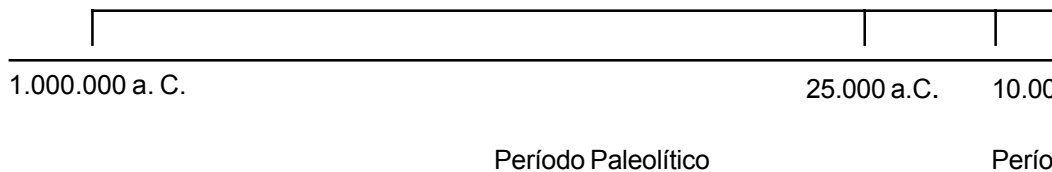
A atividade comercial era muito desenvolvida e havia um grande mercado onde se trocavam produtos de toda a Meso-América. Os comerciantes astecas tinham um lugar muito importante na sociedade.

Havia um grande desenvolvimento tecnológico (pirâmides, zonas residenciais e sistema de esgoto).

Os **Incas** (Cordilheira dos Andes) dominavam técnicas complexas de construção, metalurgia e cerâmica. Não conheciam a roda e o cavalo, mas desenvolveram técnicas eficientes de agricultura (principalmente milho e batata). Suas cidades eram verdadeiras fortalezas, construídas com grandes muralhas de pedra.



Linha do



a.C. = antes de Cristo

d.C. = depois de Cristo

1.000.000 a.C. = surgimento do ser humano

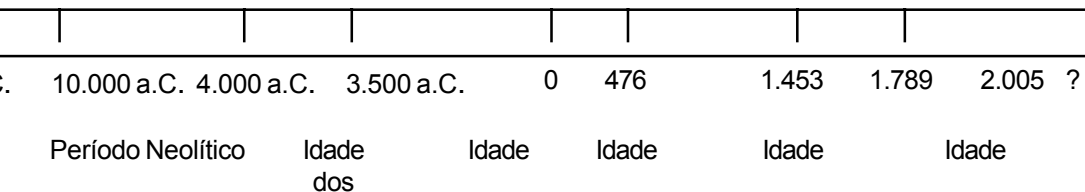
25.000 a.C. = marca a presença do ser humano nas Américas

3.500 a.C. = invenção da escrita

0 – início da Era Cristã



Linha do tempo



a.C. = antes de Cristo

d.C. = depois de Cristo

1.000.000 a.C. = surgimento do ser humano

25.000 a.C. = marca a presença do ser humano nas Américas

3.500 a.C. = invenção da escrita

0 – início da Era Cristã



Rosana Bondi, in "A Civilização Inca"

Não havia a propriedade privada da terra, mas havia a exploração do homem pelo homem. O Estado centralizado (minoria) era proprietário de todas as terras e explorador da comunidade.

Os **Maias** (América Central) se destacaram na arquitetura e na escultura. Possuíam também um avançado conhecimento de astronomia (eclipses solares e movimentos dos planetas).



Também possuíam água encanada e rede de coleta de esgotos.

Essas sociedades tiveram seu fim com a chegada dos espanhóis, que para cá vieram em busca de riquezas (principalmente a exploração de metais). A conquista foi facilitada pela diferença de armamento que eles traziam: armas de fogo, como canhões, mosquetes, lanças, espadas e armaduras de ferro, além do uso do cavalo, contra flechas, arcos, machados, pedras. Sem contar com outros fatores, como as doenças que os espanhóis trouxeram e que também dizimaram um grande número de nativos (como a varíola), que não estavam preparados para elas.

Brasil

*“Quando o português chegou aqui
debaixo de uma bruta chuva
vestiu o índio.
Que pena!
Fosse uma manhã de sol
E o índio teria despido o português...”*
(Oswald de Andrade)

“Vamos imaginar que numa dessas viagens espaciais, nós, terráqueos, chegamos a pousar no planeta Vênus, no dia 22 de abril de 2000. Para nossa surpresa, o planeta Vênus é habitado. Os venusianos recebem os terráqueos sem hostilidade ou desconfiança. Aos poucos, os terráqueos descobrem que os venusianos são um povo pacífico e sem nenhuma arma. E percebem também que Vênus é tão rica que as crianças brincam com pedrinhas de



ouro, as meninas enfeitam as bonecas com diamantes e esmeraldas. Teriam os nossos irmãos da Terra o direito de declarar que descobriram Vênus e de se apoderar de suas riquezas? O que dizer então da América, que antes da chegada dos europeus contava com uma população de aproximadamente 100 milhões de pessoas?

Em 22 de abril de 1500, os portugueses, comandados por Pedro Álvares Cabral, invadiram o Brasil por uma praia que era território da nação Tupinikim. Os portugueses não respeitaram os direitos dos Tupinikim. Puseram na terra deles novos nomes a coisas e lugares que eles já chamavam, há séculos, por outros nomes. Depois de roubarem dos Tupinikim a palavra (os nomes), os portugueses roubaram também o pão (a terra). E assim aconteceu também com quase todas as nações indígenas.” (Frei BETTO)

Para os primeiros habitantes da nossa terra, “a vida era um luxo de se viver, tão rica de aves, de peixes, de raízes, de frutas, de flores, de sementes, que podia dar as alegrias de caçar, de pescar, de plantar e colher a quanta gente aqui viesse ter” (RIBEIRO, p. 45).



Rugendas

Numa comunidade indígena do Brasil.



Viviam numa sociedade solidária. Faziam cestas, cerâmica, trançavam redes. Cultivavam batata-doce, cará, milho, algodão, abóbora, feijão, amendoim, abacaxi, mamão, guaraná, erva-mate e também árvores frutíferas como o caju e o pequi. Todos trabalhavam: os homens caçavam, pescavam e preparavam o terreno para a plantação; as mulheres colhiam frutos e raízes comestíveis, além de semear e cuidar da plantação; os mais velhos faziam redes, cestas e potes; as crianças acompanhavam os adultos em suas atividades.

Não havia propriedade particular entre eles, a não ser objetos de uso pessoal (instrumentos de trabalho e peças de vestuário).

Também não se preocupavam em guardar alimento, pois não achavam necessário: a natureza estava ali todos os dias. Daí muitos brancos chamarem o índio de preguiçoso. Ele não é, apenas pensa diferente. (AQUINO: “*Você é a história*”).

O texto a seguir expõe a lógica dos nossos primeiros habitantes, em contraste com a preocupação europeia em acumular bens materiais:

“Os nossos tupinambás muito se admiram dos franceses e outros estrangeiros se darem ao trabalho de ir buscar os seus arbutan. Uma vez um velho perguntou-me: Por que vindes vós outros buscar lenha de tão longe para vos aquecer? Não tendes madeira em vossa terra? Respondi que tínhamos muita, mas não daquela qualidade. (...) Perguntou-me de novo: e quando morrem, para quem fica o que deixam? – Para seus filhos se os têm, respondi; na falta destes para os irmãos ou parentes mais próximos (...). Continuou o velho: - Trabalhais tanto para amontoar riquezas



para vossos filhos ou para aqueles que vos sobrevivem? Não será a terra que vos nutriu suficiente para alimentá-los também? Temos pais, mães e filhos a quem amamos; mas estamos certos de que depois da nossa morte a terra que nos nutriu também os nutrirá, por isso descansamos sem maiores cuidados.” (LÉRY. In: RIBEIRO, p. 46).

E agora, para finalizar este bloco, uma reflexão: como os descendentes dos primeiros habitantes da nossa terra encaram esta maneira de serem chamados – índios -?

“Muito antes do filho do português vir para cá, muito antes do filho do italiano vir para cá, já existia um povo que sempre viveu aqui. Essa gente é que é chamada índios. Mas nós não somos índios. Antes de ter encontrado os brancos, eu nunca tinha ouvido falar da palavra índio. Os brancos é que nos chamam assim.

*Na minha língua, nós nos chamamos **borum**, que quer dizer “ente humano”, “ser humano”. Mas desde a hora que os portugueses chegaram aqui eles começaram a chamar minha tribo, meu povo, com esse apelido de índio. E não conseguiram até hoje entender que nós somos tribos diferentes, somos povos diferentes, cada um com uma identidade própria, habitando diferentes lugares do Brasil. E existe também uma diferença dessas tribos com os outros brasileiros (...).*

Hoje as tribos indígenas têm uma possibilidade de diálogo com a opinião pública do Brasil. Têm a possibilidade de conversar e de pensar junto o que queremos para o seu futuro, e esta conversa é muito importante. Porque nos últimos 500 anos de convivência nós



tivemos poucas oportunidades de diálogo, e nós tivemos muita violência.” (Fala de Aílton Krenak, da União das Nações Indígenas).

O que devemos (entre tantas coisas) aos indígenas brasileiros:

- a) práticas agrícolas:** **mutirão** (uma mobilização coletiva, de auxílio mútuo) e a **coivara** (galhos onde se põe fogo para desembaraçar o terreno e adubá-lo com as cinzas, facilitando a cultura);
- b) instrumentos de pesca:** rede de arrasto, puçá (espécie de rede), diversos tipos de anzóis, além de várias embarcações como a piroga, excelente para a navegação nos rios amazônicos;
- c) o curare**, veneno poderoso usado para provocar a paralisção do animal flechado e hoje, usado como anestésico;
- d) utensílios domésticos:** pilão, ralador, peneira, esteira, rede de dormir;
- e) comidas:** fubá, biju, tapioca;
- f) bebidas:** guaraná, mate, cauim (bebida alcoólica à base de milho fermentado);
- g) uso de várias ervas medicinais;**
- h) instrumentos musicais:** chocalho, flauta de bambu ou de osso, etc.;
- i) várias palavras:** *Paraná* (semelhante ao mar), *Carioca* (coisa de homem branco), *Maracanã* (espécie de papa-



gaio), *Piratininga* (peixe seco), *Pindorama* (terra das palmeiras), etc.

Temos a triste constatação que, dos mais de 6 milhões de “indígenas” que habitavam o Brasil em 1500, sobrevivem apenas cerca de 230 mil nos dias atuais.

Sociedades escravagistas

*“Sem a escravidão, não haveria o estado grego;
não haveria arte nem ciências gregas.
Sem escravidão não haveria Império Romano.”*

(ENGELS)

Sociedade Grega

A Grécia se situa no mar Mediterrâneo, entre a Europa e a Ásia e é formada por várias ilhas. Seu litoral é, na maior parte, montanhoso, o que dificultava a agricultura; mas, por outro lado, por ser muito recortado, permitiu o desenvolvimento do comércio marítimo e da navegação.

Para os gregos, o ato de trabalhar era algo humilhante e desprezível. *“O trabalho era visto como algo degradante, com um castigo, como algo que denegria a imagem do ser humano e de cidadão”* (LANGER. *In: Cadernos IHU*, p. 18). Para as pessoas livres – os cidadãos –, era inconcebível pensar em *“pôr a mão na massa”*. Qualquer atividade que implicasse fadiga, era relegada aos escravos. Até mesmo o **comércio** era encarado depreciativamente.

Portanto, se as pessoas que detinham poder e riqueza não trabalha-



vam, restavam aos outros as tarefas que nós hoje reconhecemos no trabalho: produção de alimentos, roupas, utensílios domésticos, etc.

Enquanto isso, os homens livres se dedicavam à política e ao estudo das artes, da filosofia e do direito, à poesia. Materialmente, viviam às custas das donas de casa, dos metecos (estrangeiros livres mas com várias limitações) e dos escravos. As mulheres não participavam das decisões nem tinham oportunidade de se dedicar às atividades artísticas e políticas.

Os escravos eram pessoas que deveriam servir aos cidadãos, por terem sido conquistados durante as batalhas. Quem não prestava um bom serviço como escravo, era eliminado. Eles representavam a maioria absoluta da população. Alguns possuíam trabalho especializado (artesãos, pintores, atores). Os que tinham educação mais refinada, eram até professores dos filhos dos ricos. Porém, a maioria era enviada às minas de chumbo ou pedreiras; ras-tejavam em galerias baixas e mal ventiladas, cavavam de joelhos ou deitados durante 10 a 12 horas/dia.

Aristóteles, filósofo grego (384-322 a.C.), argumentava que existiam duas classes de máquinas: as animadas (escravos) e as inanimadas. Não eram só os escravos os estigmatizados por trabalharem com as mãos; também os artesãos. O mesmo filósofo dizia que nenhum artesão seria cidadão (reforçando Platão, outro filósofo grego anterior a ele, que tinha o mesmo pensamento).

A relação entre o custo dos escravos e o custo dos outros tipos de trabalhadores, juntamente com o progresso tecnológico e a necessidade de trabalhadores sempre mais motivados, impulsionou



gradativamente a libertação dos escravos e a sua substituição por novas relações de servidão e por trabalhadores assalariados.

Outros fatores contribuíram para a diminuição do trabalho escravo, entre estes a própria diminuição da mão-de-obra, quando terminaram as conquistas de novos territórios, entre os séculos I e III, sendo que o auge da crise se deu em torno do século III e IV, onde a produção agrícola e artesanal se retraíram. A fuga para o campo se tornou condição de sobrevivência, tendendo a população a voltar-se para a produção de *subsistência*.

Devemos citar também as várias revoltas que os escravos fizeram, por serem brutalmente explorados no trabalho: *“Todo o luxo e esplendor das cidades só é possível porque há uma enorme massa de homens escravos produzindo riquezas. (...) Os escravos sempre lutaram contra essa situação, fugindo, quebrando de propósito as ferramentas e arruinando as plantações, algumas vezes revoltando-se em massa. Mesmo vencendo as lutas dos escravos, a sociedade escravagista não podia dormir tranqüila. Estava chegando seu fim.”* (“A história do homem”, p. 10).

Sociedade Romana

Surgiu na Península Itálica. Com o passar do tempo, os romanos foram conquistando a Europa, o norte da África e uma parte da Ásia, tornando-se um dos mais poderosos impérios da Antigüidade.

No começo desta sociedade, o povo romano se dividia em patrícios (nobreza), plebeus (maioria da população: eram livres, mas



não tinham direitos políticos) e escravos (geralmente prisioneiros de guerra, que formaram uma imensa massa de trabalhadores e quem realmente sustentava a sociedade romana).

A grande desigualdade de direitos entre os patrícios e plebeus era causa de muitas lutas sociais em Roma. Aos poucos, os plebeus foram conquistando vários direitos, que permitiram uma certa igualdade com os patrícios.

A economia era voltada à produção de alimentos e de matéria-prima para as manufaturas, havendo um comércio intenso nas várias rotas que se estabeleceram para levar à Itália, produtos vindos de todo o império. Exemplo: da Espanha chegavam alimentos como peixe e carnes salgadas, vinho, azeite; da África vinha o minério de ferro, prata, ouro e sal; da China, as especiarias, seda e porcelana.

Foram grandes construtores de estradas – suas obras causam admiração até os dias de hoje. Porém o setor que mais desenvolveram foi o das técnicas de guerra.

A queda do Império Romano, com as invasões das **tribos bárbaras**, foi um dos estopins para o início da formação dos primeiros núcleos feudais.⁴

Os Povos Bárbaros

“*Bárbaros*”: era assim que os romanos se referiam a todos os povos que viviam fora de suas fronteiras, vindos da Polônia, Rússia,

⁴ Feudos: propriedades dos nobres.



Arábia, Norte da África, Alemanha, França, etc. (nomes atuais daqueles lugares). E que não falavam o latim. Isto porque Roma era sinônimo de “civilização”...

Eram de origem germânica, e na época do Império Romano habitavam o norte e nordeste da Europa e noroeste da Ásia.

Foram invadindo aos poucos, aproveitando-se das boas estradas de Roma, formando verdadeiras migrações, atraídos pelas riquezas do mundo romano e em busca de novas terras para suas atividades pastoris e agrícolas e também atrás de locais de clima agradável.

Não conheciam a escrita; seu artesanato era rudimentar e seu comércio era feito à base de trocas.

Os principais povos “bárbaros” e os lugares onde eles se estabeleceram:

- ✓ Francos: na região da atual França;
- ✓ Lombardos: no norte da Península Itálica;
- ✓ Anglos e Saxões: na Inglaterra;
- ✓ Burgúndios: no sudoeste da França;
- ✓ Visigodos: na região da Gália, Itália e Península Ibérica
- ✓ Suevos: na Península Ibérica;
- ✓ Vândalos: no norte da África e na Península Ibérica;
- ✓ Ostrogodos: na Itália;
- ✓ Hunos: eram nômades, viviam em suas carroças e barracas que armavam por onde percorriam.



Modo de produção feudal

*“Arrastam tanto sofrimento e dor,
suportam tão grandes tormentos.*

*A neve, a chuva e a ventania
quando trabalham a terra com as mãos,
com desconforto e muita fome.*

*Levam bem difícil a vida,
pobre, sofredora e mendicante.*

*Têm grande canseira e dor,
pagam primícias, corvéias (...)
e cem coisas costumeiras.”⁵*

**(Benedito de Saint-Maure, autor do século XII,
sobre a vida dos camponeses)**

A nova estrutura social – conhecida como **Idade Média** – marcou uma sociedade de poderes fragmentados, sem um Estado central, predominantemente agropastoril.

A Idade Média, ou Idade Medieval, foi um período que durou aproximadamente 1000 anos. Iniciou-se em 476 (ano da queda do Império Romano do Ocidente, marcando o fim do Mundo Antigo e o começo da Idade Média) e estendeu-se até 1453 (queda do Império

⁵ **Corvéia:** serviço gratuito que se prestava ao soberano ou ao senhor feudal.

Primícia: direito do senhor feudal de receber os primeiros frutos das colheitas dos camponeses.



Romano do Oriente, pela tomada de Constantinopla pelos turcos, marcando o início da Idade Moderna).⁶

A Idade Média é dividida em dois períodos:

- **Alta Idade Média** – do século **V** ao século **XI**;
- **Baixa Idade Média** – do século **XI** ao **XV**.

Trabalho na propriedade feudal.
Observe o pastor com as suas ovelhas, os homens que cortam pedras para construção e os lavradores que conduzem a charrua, podam árvores e cavam a terra.



Maria Januária Vilela Santos, in
"História Antiga & Medieval"

Ilustrações
medievais
mostrando uma
plantação de trigo
e a colheita e o
armazenamento
desse cereal.



⁶ Constantinopla é hoje chamada Istambul e foi construída no século IV, pelo Imperador Constantino, para ser a nova capital do Império Romano (330).

Em 395, o então Imperador Teodósio pediu que, após sua morte, o Império Romano fosse dividido entre seus dois filhos: um ficou com o Ocidente, de língua latina (sociedade rural e pobre) e o outro, com o Oriente, de língua grega (urbana, com grande destaque para o comércio). O primeiro império se desfez em vários reinos (476), destruído pelas migrações dos “bárbaros”; e o do Oriente, sobreviveu por mais de 1000 anos (até 1453).



Alta Idade Média

Neste processo de mudanças, surgiu um novo modelo: o trabalho de estrutura familiar, diferente daquele em que prevalecia o trabalho escravo.

Com o fim da escravidão, a mão-de-obra se tornou mais difícil. A escravidão não foi substituída pelo regime livre, e sim pela servidão, onde as pessoas continuavam sem liberdade, presas à terra, porém sem terem a propriedade da terra. Era uma situação intermediária entre o escravo e o operário da era capitalista.

A jornada de trabalho se iniciava ao nascer do sol e só se encerrava no crepúsculo.

As sociedades dessa época adoravam as forças da natureza, acreditavam num misticismo mágico que orientava e regularizava suas vidas.

O espaço físico destinado ao trabalho era o lar, com a ajuda da mulher e seus filhos.

“É importante ressaltar como o trabalho feminino e o trabalho infantil estão presentes nessa sociedade. As necessidades de sobrevivência e as obrigações servis contribuem para isso. As crianças, desde que já possam exercer alguma atividade laborativa, ingressam no mundo do trabalho para auxiliar na economia familiar. Assim, quanto mais filhos, maior poderia ser o aproveitamento produtivo. Pelo menos era essa a lógica que regia tal sociedade, e de maneira não muito distante podemos observar a mesma lógica



sendo empregada nas comunidades rurais mais atrasadas hoje em dia” (SAUCEDO e NICOLAZZI Jr. In: GEDIEL, p. 84).

A posição social do indivíduo era determinada pelo seu nascimento. Ou seja, se nascesse camponês, continuaria sendo camponês pelo resto da vida, não havendo possibilidade alguma de ascensão social. Assim, seus filhos e netos também seriam camponeses.

Essa organização da sociedade era justificada pela Igreja (na época, aliada à classe dominante). A Igreja interpretava o Evangelho sempre sob um ponto de vista favorável aos ricos, difundindo o conformismo e a aceitação da opressão exercida pelos senhores feudais.

“Vós, servos, obedecei a vossos senhores segundo a carne, com temor e tremor, na sinceridade de vosso coração, como a Cristo, não servindo somente à vista, como para agradar aos homens, mas como servos de Cristo, fazendo de coração a vontade de Deus, servindo de boa vontade como ao Senhor, e não como aos homens. Sabendo que cada um, seja escravo, seja livre, receberá do Senhor todo bem que fizer.” (Efésios, cap. 6)

“No feudalismo, não havia mais uma dominação basicamente pela força. Agora, a dominação se apoiava principalmente no controle das idéias.” (CEPIS, p. 27)

Aliás, a Igreja era considerada a maior proprietária de terras no período feudal. Segundo os historiadores, isso ocorreu pelo fato de que homens preocupados com a vida pós-morte, desejosos de pas-



sar para o lado direito de Deus, doavam-lhe terras; outras pessoas agiam da mesma forma, porque achavam que a Igreja realizava uma grande obra de assistência aos doentes e aos pobres. Alguns nobres ou reis criaram o hábito de, sempre que venciam uma guerra e se apoderavam das terras dos inimigos, doar parte delas à Igreja que, por esses e outros meios, aumentava assim suas propriedades, até que se tornou proprietária de grande parte das terras da Europa Ocidental.

As obrigações dos servos, entre outras: trabalhar gratuitamente, alguns dias na semana, nas terras do senhor; impostos; obrigação de entregar parte da produção agrícola ao senhor; pagamento pela utilização de equipamentos e instalações, como celeiros e fornos.

Por muitas vezes, os servos lutaram para diminuir a exploração sobre eles. Conseguiram algumas vitórias, mas os senhores reuniam seus exércitos e voltavam a dominá-los novamente.

A nobreza e o clero constituíam as classe governantes. Controlavam a terra e o poder que dela provinha. A Igreja prestava ajuda espiritual, enquanto a nobreza, proteção militar. Em troca, exigiam pagamento das classes trabalhadoras, em forma de cultivo de terras.

A Idade Média, em seu início, foi caracterizada pela ruralização e um comércio muito pouco significativo. A aldeia era praticamente auto-suficiente, a vida econômica decorria sem muita utilização de capital. Era uma economia de consumo. O servo e sua família cultivavam seu alimento, fabricavam com as próprias mãos tudo o que lhes era necessário. Os servos que demonstravam habilidades de



confeção eram atraídos à casa do senhor, a fim de fazer os objetos de que aqueles precisavam.

Naquele período, a palavra “mercado” denominava o local, o espaço físico, onde, semanalmente, realizava-se a **troca de produtos excedentes**. Pelos costumes da época, mulheres e crianças não iam ao mercado, pois lá era lugar em que se “enganavam pessoas”... O mercado semanal era mantido junto ao mosteiro ou ao castelo. Os mercadores estavam sob o controle do senhor do feudo ou do bispo, que, também naquele local, faziam a transação de mercadorias, trocavam os excedentes produzidos por seus servos e artesãos.

Baixa Idade Média

Com o fim das invasões bárbaras, foram ocorrendo inovações nas técnicas agrícolas, crescimento populacional, e as cidades passaram a ser um centro dinâmico de atividades artesanais e comerciais.

Alguns avanços que ocorreram nas técnicas da agricultura, e que aumentaram a produtividade do solo:

- ✓ uso da irrigação;
- ✓ rotação de culturas;
- ✓ aproveitamento da força d'água para mover moinhos;
- ✓ adubagem com estrume de animais;
- ✓ aperfeiçoamento de instrumentos agrícolas, etc.



As Cruzadas (expedições organizadas pela Igreja, para libertar Jerusalém dos muçulmanos – intenção primeira, porque depois, os motivos foram basicamente econômicos) contribuíram para a expansão do comércio entre a Europa e o Oriente. Os comerciantes vendiam os produtos trazidos da China (sedas e produtos medicinais), da Índia (especiarias como pimenta, cravo, canela), etc. em feiras, onde circulava grande quantidade de moedas de diferentes lugares, que eram trocadas pelos chamados cambistas. Foi essa a origem dos banqueiros. O dinheiro passou a ser a medida universal do valor das mercadorias.

À medida que os servos foram se emancipando, organizaram o trabalho urbano, tornando-se padeiros, sapateiros, tecelões etc.. Essas especialidades eram agrupadas em **corporações de ofícios**, associações profissionais de defesa mútua, destinadas a proteger seus interesses e lutar contra a aristocracia, organizando as relações entre eles, o público e o mercado, estipulando preços que fossem justos e não prejudiciais entre eles mesmos (**semelhança com os valores do cooperativismo moderno e economia solidária**). Os relatos mostram que as corporações se preocupavam com o bem-estar de seus membros. Era uma espécie de irmandade que tomava conta dos membros em dificuldade. Provavelmente, muitas corporações começaram com este objetivo – o de ajuda mútua em períodos difíceis.

Uma boa parte dos historiadores coloca o período da Idade Média como obscuro, estagnado, um “período de trevas”. Felizmente, através de vários pesquisadores e estudiosos, podemos constatar



que não foi desta maneira. Várias técnicas que marcaram a Idade Moderna tiveram seu início naquele período (IGLÉSIAS: “*A revolução industrial*”). Vejamos algumas delas:

- a) novo sistema de atrelagem:** os povos antigos arream os animais com a correia sobre o pescoço, o que lhes dificultava a respiração e diminuía sua força; por volta do século X, inventaram a coelheira, tipo de atrelagem que não feria os animais, além do uso sistemático da ferradura;
- b) outras forças motoras:** o moinho de vento substituiu o moinho de água (que, pela falta de mão-de-obra, se tornou obsoleto), tornando possível uma maior produtividade e menor esforço;
- c) trabalho nas minas e metalurgia:** depois do uso da madeira como carvão, passou-se a usar a hulha (carvão mineral), propiciando aos artesãos aprimoramento para usar seu material nos castelos e nas igrejas (daí a fundição, a ferraria, para fabricar instrumentos bélicos e armaduras);
- d) renovação da agricultura:** novas plantas alimentícias e têxteis (principalmente da China); aprimoramento das máquinas de fiar; a agricultura passa a estar ligada à indústria;
- e) multiplicação de inventos:** bússola (já conhecida na China, mas aperfeiçoada no Ocidente, sendo fundamental para a segurança nas navegações); a roda denteada;



os óculos; as lunetas; as chaminés das casas; a intensificação do uso do vidro transparente, dando origem à arte dos vitrais;

f) navegação: aperfeiçoamento de várias técnicas; bússola; a cartografia cada vez mais rica e exata;

g) relógios: os antigos relógios de água e do sol dão lugar aos relógios mecânicos, mais sofisticados e precisos;

h) imprensa: o Ocidente aperfeiçoou inventos importantes como o papel e vários tipos de impressão, que levaram depois à tipografia e à imprensa (com Gutemberg, entre 1436 e 1450).

Final da Idade Média

O final da Idade Média marcou um período em que o renascimento do comércio e o crescimento urbano se destacaram. O mercado se tornou o espaço por excelência das trocas. A cidade se tornou o centro aglutinador de pessoas e de produtos, frutos do trabalho de artesãos e agricultores.

Com o aumento da classe mercantil, surgiu uma nova classe: a **burguesia**, que se ocupava da troca das mercadorias.⁷

A cidade passou a ser o espaço do trabalho, rompendo as fronteiras dos lares, sendo feito tanto no dia como na noite, nas fábricas.

⁷ Este nome vem de *burgo*, isto é, cidade, que era o local onde os burgueses moravam.



Não só a estrutura do trabalho foi rompida: a estrutura feudal que vigorou durante a Idade Média ruiu, dando lugar ao **surgimento do capitalismo**, com a expansão comercial, patrocinada pelos reis e financiada ou apoiada pela burguesia emergente do rápido crescimento das relações comerciais.

O aparecimento das monarquias nacionais, principalmente na França e Inglaterra, foi um fator decisivo para o declínio do feudalismo, pois os reis desses países conseguiram diminuir cada vez mais o poder dos nobres (o fim do sistema feudal fez com que terminasse o poder descentralizado dos senhores feudais, dando lugar a um período onde os reis assumiram enorme poder rumo aos grandes Estados Nacionais. O Estado Moderno, detentor central do poder).

Surgiu, assim, a transformação da relação social **senhor x servo** para outra: **burguês x proletário** (marca maior do capitalismo).

Mas este é um assunto para a próxima etapa.

* * *

E nós, hoje... com que história futura sonhamos?



Humano renascimento

Entre as revoluções
Avanços e inovações
Na vida e no pensamento
Arte, cultura e ciência:
Geram nova consciência
Libertam o conhecimento
Reinava o catolicismo
Renasce o individualismo
Chegou o racionalismo
Nasceu o Renascimento

Nascia a modernidade
Uma nova sociedade
Com visão antropocêntrica
Uma histórica peleja
Entre os padrões da igreja
Com a visão Teocêntrica
Em transição sem igual
Da sociedade feudal
Para outra comercial
Burguesa e mesmo
egocêntrica

De origem Greco-romana
No centro a pessoa humana
Que enfrenta a submissão
À dogmática católica
Vingativa e melancólica
Chama santa a inquisição
Nada consegue deter
Um neném que quer nascer

Ou um amor que acontecer
Com tão intensa paixão

Surge o comércio e a riqueza
A nova classe burguesa
Patrocina seus artistas
São mecenas sonhadores
Financiando escritores
De idéias racionalistas
Queriam a glória e a fama
Banqueiro, político e dama:
Deixando mais fofa a cama
Com interesses egoístas.

É uma transição real
Da sociedade feudal
Pra sociedade burguesa
Passagem da Idade Média
De eclesiástica tragédia
Perseguição e avaréza
Para a Idade Moderna
Que a poesia é eterna
Onde a ciência governa
E a arte ganha beleza

A efervescência Européia
Deu liberdade a idéia
Reinou a literatura
De Gutemberg até Dante
Giotto foi um gigante
Dando expressão à pintura



Michelangelo e Pietá
Como Da Vinci não há
Em Rafael, Madona dá:
Divindade à criatura

A ciência é quem domina
Matemática e medicina
A física e a astronomia
Agora a terra é quem gira
A igreja diz; é mentira!
Chamando de heresia
Acorrentou Galileu
Preferiu Ptolomeu

O conservadorismo seu
Negando o raiar do dia

Nasceu na Península Itálica
Com consistência metálica
Sem permitir retrocesso
O intelecto é receita
A razão é logo eleita
Necessária para o sucesso
O universo é movimento
A vida é o conhecimento
Neste singular momento
Viver se torna um processo.

(João Santiago)



“A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a. Vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é o fazedor. Vai temporalizando os espaços geográficos. Faz cultura.

(...)

E, na medida em que cria, recria e decide, vão se conformando as épocas históricas. É também criando, recriando e decidindo que o homem deve participar destas épocas.

(...)

Por isso, desde já, saliente-se a necessidade de uma permanente atitude crítica, único modo pelo qual o homem realizará sua vocação natural de integrar-se, superando a atitude de simples ajustamento ou acomodação, aprendendo temas e tarefas de sua época. Esta, por outro lado, se realiza à proporção em que seus temas são captados e suas tarefas resolvidas.”

(Paulo FREIRE. “Educação como prática da liberdade”, págs. 41 a 44).

“O desenvolvimento de uma consciência crítica que permite ao homem transformar a realidade se faz cada vez mais urgente. Na medida em que os homens, dentro de sua sociedade, vão respondendo aos desafios do mundo, vão temporalizando os espaços geográficos e vão fazendo história pela sua própria atividade criadora.”

(Paulo FREIRE. “Educação e mudança”, p. 33)



Questões para reflexão

1. Após ler sobre o trabalho nas principais sociedades estudadas, que características positivas e negativas você pode perceber que elas tinham em comum e que continuam até hoje?

2. Você acha que o trabalho mudou muito - da época das sociedades tribais - até os dias de hoje?

3. O que você tem a dizer sobre a vinda dos europeus para as Américas?

4. O que aconteceu no final da Idade Média, que fez mudar as relações de trabalho até os dias de hoje?



Referências Bibliográficas

- ALENCAR, Chico; RIBEIRO, Marcus V.; CECCON, Cláudio. **Brasil vivo** : uma nova história da nossa gente. 3 ed. Petrópolis : Vozes, 1987.
- AQUINO - BERNADETE - LUIZA. **Fazendo a história** : da pré-história ao mundo feudal. 7 ed. São Paulo : Ao Livro Técnico, 2000.
- AQUINO, OSCAR, MARIA Emília. **Você é a história** : do mundo indígena ao período regencial no Brasil. São Paulo : Ao Livro Técnico, 1999.
- ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**. 6 ed. São Paulo : Boitempo, 2002.
- ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 10 ed. Rio de Janeiro : Forense Universitária, 2002.
- AZEVEDO, L. de; DARÓS, Vital. **A história dos povos**. São Paulo : FTD, 1988.
- BARBOSA, Leila M.A.; MANGABEIRA, Wilma C. **A incrível história dos homens e suas relações sociais**. 8 ed. Petrópolis : Vozes, 1989.
- CARTILHA DA CONSULTA POPULAR. **Comemorar ou resistir?** Curitiba: Gráfica Popular, 2000.
- CEPIS - Centro de Educação Popular do Instituto Sedes Sapientiae. **História da sociedade**. São Paulo, 2004.



COORDENAÇÃO DE PASTORAL DA PERIFERIA DE SALVADOR.

A história do homem. Salvador : Lins, 1980.

DREGUER, Ricardo; TOLEDO, Eliete. **História** : cotidiano e mentalidades. Civilizações emergentes : dos primeiros homens ao século V. São Paulo : Atual, 1995.

DUSSEL, Enrique. **Ética da libertação.** Petrópolis : Vozes, 2000.

FREI BETTO. **OSPB** : Introdução à política brasileira. 2 ed. São Paulo : Ática, 1986.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** 17 ed. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1986.

_____. **Educação e mudança.** 12 ed. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1986.

GEDIEL, José Antônio (Org.). **Os caminhos do cooperativismo.** Curitiba : UFPR, 2001.

GENARI, Emílio. **Chiapas** : as comunidades zapatistas reescrevem a história. (Textos enviados via e-mail).

GUILLERM, Alain; BOURDET, Yvon. **Autogestão** : uma mudança radical. Rio de Janeiro : Zahar, 1976.

IGLÉSIAS, Francisco. **A revolução industrial.** São Paulo : Brasiliense, 1981

LAFAGUE, Paul. **O direito à preguiça.** 2 ed. São Paulo : Hucitec, 2000.



LANGER, André. Pelo êxodo da sociedade salarial : a evolução do conceito de trabalho em André Gorz. In: **Cadernos IHU** (Instituto Humanitas Unisinos). Ano 2, nº 5, 2004.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo : Centauro, 1984.

MOTA, Carlos Guilherme; LOPEZ, Adriana. **História & civilização**. 2 ed. São Paulo : Ática, 1995.

RIBEIRO, Darci. **Povo brasileiro** : a formação e o sentido do Brasil. 2 ed. São Paulo : Companhia das Letras, 1999.

SANTIAGO, João. **Militância e Poesia**. Curitiba : Editora Gráfica Popular, 2005.

SANTOS, Maria Januária V. **História antiga e medieval**. 19 ed. São Paulo : Ática, 1990.





O TRABALHO HUMANO: DAS SOCIEDADES COMUNAIS
AO MODO DE PRODUÇÃO FEUDAL.

Caderno 2 da Série "História Social do Trabalho"
2ª edição

Texto básico elaborado por Márcia Carneiro Knapik
Subsídio referente à Segunda etapa da Escola de Formação Básica
Multiplicadora da Economia Popular Solidária

Coordenação Geral: Coletivo de Economia Popular Solidária



TALHER PARANÁ, SINDIPETRO (PR/SC), AEC
Curitiba, agosto de 2005



Fone: 3322-8487
cefuria@cefuria.org.br
www.cefuria.org.br

CEDOC MARA VALLAURI
Pesquisa Movimentos Sociais
cedocmvallauri@cefuria.org.br

MISEREOR
DAS HILFSWERK



Fone: 3349-5653



Fone: 3346-0034



Fone: 3324-0099